

ELA É AMAPÔ DE CARNE, OSSO E PALAVRAS: PERSONAGENS TRAVESTIS NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

SHE IS AMAPÔ OF FLESH, BONES AND WORDS: TRANSVESTITE CHARACTERS IN THE CONTEMPORARY BRAZILIAN NOVEL

*Luiz Henrique Moreira Soares¹
Rosiney Aparecida Lopes do Vale²*

RESUMO: Nas palavras de Candido (2006), a literatura é um espaço onde há a possibilidade de expressar e problematizar as dinâmicas sociais. Longe da neutralidade discursiva, a literatura pode agir tanto na confirmação de consensos, quanto produzir novos sentidos para a realidade, construir rupturas. A produção literária contemporânea, embora se apresente difusa e homogênea, com novas formas de construção narrativa e novos atores sociais, que configuram o centro e as margens, encontra dificuldade na configuração dos sujeitos que fogem das normas de gênero. Sendo assim, presente artigo propôs a mapear, investigar e analisar as configurações de violência e subalternidade de personagens travestis no romance brasileiro contemporâneo (2000-2016). Percebeu-se que o discurso literário, aliado ao discurso das mídias e outros meios culturais, atravessa os corpos das personagens travestis, de forma a inserir-lhes uma história única, que não representa um todo subjetivo e ambíguo, produto de nossa época. Para isso, o artigo apoiou-se nos estudos de Judith Butler (2003), Don Kulick (2008), Regina Dalcastagnè (2012), Beatriz Resende (2008) e outros(as) teóricos(as) que foram utilizados(as) no decorrer da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: romance contemporâneo brasileiro; personagens travestis; representação;

ABSTRACT: In the words of Candido (2006), literature is a space where there is the possibility of expressing and problematizing social dynamics. Far from discursive neutrality, literature can act both in the confirmation of consensuses and in producing new meanings for reality, to construct ruptures. Contemporary literary production, although diffuse and homogeneous, with new forms

1 Graduando em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – Campus de Jacarezinho. luizhsoares83@gmail.com

Reside na cidade Jacarezinho-PR, na rua: Padre Melo, 1175, apto: 33, Centro, Cep: 84600-000.

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – Unesp/Marília (2015), mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho” Unesp/Assis (2005) e Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp/Assis (2000), rosineyvale@uenp.edu.br

Atualmente é professora e coordenadora do curso de Letras do Centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Jacarezinho. É integrante do Fórum Permanente das Licenciaturas da UENP, integrante dos grupos de pesquisa: Leitura e Ensino da UENP/CJ; Tecnologias, Culturas e Linguagens da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Organizações e Democracia da UNESP de Marília.

<http://doi.org/10.33027/2447-780X.2017.v3.n1.07.p79>

of narrative construction and new social actors, which configure the center and the margins, find difficulties in the configuration of the subjects who escape gender norms. Thus, this article proposes to map, investigate and analyze the configurations of violence and subalternity of transvestite characters in the contemporary Brazilian novel (2000-2016). It was noticed that the literary discourse, allied to the discourse of the media and other cultural means, crosses the bodies of the transvestite characters, in order to insert them a single history, that does not represent a subjective and ambiguous whole, product of our time. For this, the article was based on the studies of Judith Butler (2003), Don Kulick (2008), Regina Dalcastagnè (2012), Beatriz Resende (2008) and other theoreticians who were used in The research.

KEYWORDS: contemporary Brazilian novel; Transvestite characters; representation;

INTRODUÇÃO

O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário

Ela é tão singular

Só se contenta com plurais

Ela não quer pau

Ela quer paz.

(Linn da Quebrada, in *Mulher*, 2017)

Em abril de 2017, a cantora, *performer* e bailarina, Linn da Quebrada, lança o projeto *blasFêmea*, um experimento audiovisual e documental que promove uma mistura das diversas manifestações artísticas e estabelece a possibilidade de conceituação de uma arte não hegemônica no Brasil, dando voz e potência a corpos que rompem com as “normas” de gênero. Exibido durante o Festival Internacional de Arte de São Paulo (SP-Arte), o projeto de Linn também é uma tentativa de estabelecer novas narrativas e representações acorpos engendrados por estereótipos e estabelecer processos de resistência por meio da arte.

Em entrevista recente, concedida ao Estadão, Linn da Quebrada afirma que “algumas vezes é preciso agir aterrorizando a norma e seus efeitos”. Ao usar seu corpo como arma, colocando em xeque um sistema que trabalha na invisibilidade e na negação de corpos que não importam, relegados à abjeção³. A produção artística de Linn da Quebrada é atravessada pela questão do corpo e da construção de uma “estética não-estática”, da construção de uma existência, de uma realidade e verdade próprias, na qual fundamenta-se o “direito de viver, brilhar e arrasar”. Ao se apontar esteticamente, Linn da Quebrada estabelece relações de representação e legitimação de identidade(s) dentro de um determinado espaço. Considera-se, nos meandros do poder simbólico, que todo espaço social é um espaço em constante disputa, seja no trabalho, na rua, na igreja, na música, na TV, no cinema, ou em qualquer outro modo de produção artística e/ou de capital.

³ Judith Butler (2000), no ensaio intitulado *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*, conceitua “abjeção” como sendo “aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito” (BUTLER, 2000, p.112).

Aliteratura, nesse sentido, pode ser entendida como um espaço em disputa na construção de identidades e vivências subjetivas, no qual se cria a possibilidade de problematizar e expressar as dinâmicas sociais, indagar sobre consensos e cristalizações. Como já apontado por Mikhail Bakhtin (1995), o indivíduo é construído na e pela linguagem, interpelado por inúmeros sistemas simbólicos pelos quais a identidade pode ser representada. Nesse sentido, a linguagem, segundo Monique Witting (apud Butler, 2003, p.162), exerce o poder de projetar feixes de realidade sobre o social, ao mesmo tempo em que carimba, molda e violenta os corpos. É a partir das práticas linguísticas e de significação que são produzidas as identidades e as diferenças. Assim, entende-se a linguagem também como um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como naturais e essenciais (BUTLER, 2003, p.168).

Devido ao seu aspecto (trans) formador, a literatura também pode atuar sob uma linha tênue, que separa a manutenção do preconceito e da discriminação, da desconstrução de imagens estereotipadas e negativas. O discurso literário é também um discurso político. Não se pode separar a literatura do seu momento histórico de produção e nem da cultura à qual está inteiramente ligada, uma vez que ela adquire o poder de dialogar com o pensamento social e proporciona a possibilidade do choque de ideias e perspectivas em meio às constantes disputas espaços e representações.

Julga-se necessário, porém, no âmbito desse artigo, mapear e analisar os espaços de violência e subalternidade em que as personagens travestis são configuradas nos romances contemporâneos, publicados entre 2000 e 2016, como forma de evidenciar essas obras e (re)pensar as diversas configurações dessas personagens no texto.

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA E OS ESPAÇOS DE CONTESTAÇÃO

Inicialmente, pensar a figura do autor é como pensar em alguém que, nas palavras de Barthes (1999, p.33), exerce a posição daquele que “falano lugar do outro”, e, por estar socialmente situado, possui o poder de julgar e excluir, sem levar em consideração a subjetividade e as possibilidades de fala. Como um grafo complexo das pegadas de uma prática (Barthes, 2004), a arte literária entra no debate como um instrumento de construção de uma identidade que é do outro, constituído pela linguagem, nos fios do lençol discursivo. Para Compagnon (2014, p.36), “a literatura confirma um consenso, mas produz também à dissensão, o novo, a ruptura. Segundo o modelo militar da vanguarda, ela precede o movimento, esclarece o povo”. A literatura contemporânea brasileira⁴, longe de ser apenas uma mera representação da realidade, incorpora

⁴ Conforme aponta Schollhammer (2009, p. 9-10), a literatura contemporânea não será necessariamente aquela

novas vozes, há um constante experimentalismo linguístico e formal, há novos modos de representação do tempo e do espaço, além da maior subjetividade na construção de enredos e personagens, além de dialogar diretamente com os problemas enfrentados na contemporaneidade. Segundo Dalcastagnè (2012, p.7), “é difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas, que pode parecer apaziguado, mas que se revelam em toda a sua extensão cada vez que algo sai de seu lugar”. Por tratar dos assuntos de nosso tempo e por estar inteiramente ligada à sociedade da era globalizada, a literatura contemporânea torna-se um campo fértil para o entendimento sobre as relações e jogos de poder, exclusões, hierarquias e violências no Brasil atual.

Beatriz Resende (2008), em seu ensaio *A literatura brasileira na era da multiplicidade*, pontua que, nessa produção literária recente, o “centro” e a “margem” aparecem desfigurados, apresentam “olhares oblíquos, transversos, deslocados que terminam por enxergar melhor” (RESENDE, 2008, p.20). É justamente na obliquidade que as novas formas de criação literária se agrupam: o aspecto irônico e debochado, a temática do trágico, a violência das grandes cidades, o consumismo desenfreado, o cotidiano privado e o processo de (re)construção da memória individual e coletiva, traumatizada. Assim, novas abordagens nos estudos literários, dando destaque às obras que convergem na desconstrução de ideias cristalizadas pelo discurso heterossexista, vêm colocando em cheque visões essencialistas⁵ e propondo discussões amplas sobre representações de raça, classe, gênero e sexualidade nas produções culturais. O fato é que a crítica literária contemporânea encontra-se impossibilitada de definir características gerais na produção literária do nosso tempo. Embora seja possível notar a presença da multiplicidade, tanto em relação às formas de produção e disseminação, quanto às vozes que circundam nos textos literários, a literatura brasileira contemporânea é, ainda, um território a ser contestado⁶.

que representa a atualidade. Citando Barthes e Agamben, o autor afirma que “o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo”. Ao observar que a grande dificuldade do escritor contemporâneo é lidar com o atual e capturar o presente, o crítico afirma ainda que a escrita contemporânea se por uma “ambição de eficiência” e “pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.11).

5 Segundo Reis (1992, p.72), a própria noção de literatura é abarcada por linhas ideológicas e jogos de força. Para o autor, “o conceito de literatura seria entendido como uma prática discursiva, entre outras, dentro da ordem do discurso”. Em outras palavras: quem tem o poder de escrever, publicar e ser resenhado pela crítica literária no Brasil?

6 Na pesquisa da professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília (UnB), intitulada “Personagens do romance brasileiro contemporâneo”, na qual analisou o perfil das personagens e autores em romances contemporâneos publicados entre 1990 e 2004 pelas três maiores editoras brasileiras, observa-se uma mapa de ausências no que diz respeito à personagens e autores de grupos marginalizados. Para a autora, o perigo da não-representação e/ou representação negativa, está no fato de que a literatura nos exprime “não apenas pelo que nos diz, mas também por aquilo sobre o qual cala. Os silêncios da narrativa brasileira contemporânea, quando nós conseguimos percebê-los, são reveladores do que há de mais injusto e opressivo em nossa estrutura social.” (DALCASTAGNÈ, 2005, p.67)

Segundo Regina Dalcastagnè (2012, p.49), a personagem da narrativa contemporânea “sabe seu devido lugar”. A teórica afirma que a divisão de classes, raças e gênero é muito bem demarcada na literatura brasileira: grupos marginalizados historicamente, como pobres, negros, mulheres, homossexuais e corpos que fogem às normas de gênero, são relegados de ocupar em comparação aos espaços destinados ao homem branco, heterossexual, católico e de classe média. O que resta para esas personagens é o espaço da subalternidade, o espaço dos presídios, o espaço da favela, o espaço da exclusão, o espaço da prostituição, o espaço da rua, o espaço da cozinha e o espaço da servidão.

Algumas produções literárias, especialmente as que se inserem na contemporaneidade, alteram a “silhueta do sujeito”, (des) montam o indivíduo essencial posto como referência e construído sob um modelo dominante que não favorece as subjetividades e perspectivas de outros sujeitos. Algumas produções propõem um novo olhar e novas significações sobre o indivíduo contemporâneo, de identidade fragmentada, “composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p.12). Citando Bourdieu (2007), Fernandes e Schneider (2016), afirmam que

entre as chamadas minorias segregadas, nenhuma, talvez, tenha experimentado tanto o rechaço cultural e a violência simbólica (BOURDIEU, 2007), como também a violência física, quanto aquela formada por homens e mulheres que perturbaram as fronteiras de gênero travestindo-se, no intuito de construir uma identidade outra ou de viver uma subjetividade diferente da considerada “normal” nos termos binários que regem o campo da sexualidade na maior parte das sociedades ocidentais. (FERNANDES; SCHNEIDER, 2016, p.157)

Pode-se observar que grupos não-hegemônicos muitas vezes são representados em situações negativas dentro do contexto social. Essas representações os colocam em posições de marginalidade e subalternidade. Não obstante, configura-se como escorregadio e complexo o campo no qual se inserem os estudos sobre identidades no contemporâneo, por acreditar em um processo de construção identitária formada ao longo do tempo, não congênita. Neste contexto, busca-se, com o presente artigo, evidenciar as produções literárias, propor a resignificação dos espaços e das vivências representados e, também, criticamente, analisar os discursos que fazem valer a abjeção de corpos que nada “importam”.

ENTRE ESPAÇOS VAZIOS

A pesquisa tratou de investigar teses, dissertações, artigos científicos, catálogos de editoras, textos em jornais e revistas a fim de encontrar e evidenciar romances que apresentassem personagens travestis, tanto como protagonistas e/ou personagens secundárias. No processo de mapeamento, alguns critérios foram necessários para que fosse possível reconhecer determinada obra como importante

ao trabalho: 1) romances escritos originalmente em português; 2) autor (a) de nacionalidade brasileira; 3) publicação após os anos 2000; 4) romances que apresentam em sua composição personagens travestis, como protagonistas ou mesmo personagens secundárias. A escolha romance, em detrimento de contos ou peças de teatro, se dá pela razão da amplitude e complexidade que as personagens alcançam na construção narrativa, além de o texto apresentar estruturas não convencionais e ser um gênero literário em constante mutação. Em um primeiro momento, os dados coletados foram distribuídos em uma planilha, organizados, de forma a obedecer aos itens: título da obra, autor (a), editora, personagens (protagonistas e secundárias) e ano de publicação.

Na tabela abaixo, pode-se observar os dados coletados:

OBRA	AUTOR	EDITORA	PERSONAGENS TRAVESTIS	ANO DE PUBLICAÇÃO
<i>O azul do filho morto</i>	Marcelo Mirisola	Editora 34	“o zelador travesti”	2002
<i>Homens há muitos</i>	Francisco Salgueiro	Oficina do Livro	Não identificada	2003
<i>Os demônios morrem duas vezes</i>	Fernando Pessoa Ferreira	Conex	-Sheila Beatriz -Rose	2005
<i>Berenice Procura</i>	Luiz Alfredo Garcia-Roza	Companhia das Letras	-Valéria	2005
<i>Da paisagem fogem os pássaros</i>	Antonio Carlos Teltamanzy	7 Letras	Não identificada	2006
<i>Morte nos búzios</i>	Reginaldo Prandi	Companhia das Letras	Não identificada	2006
<i>Deixei ele lá e vim</i>	Elvira Vigna	Companhia das Letras	-Shirley Marlone -Mamãeoutrinha	2006
<i>A inevitável história de Letícia Diniz</i>	Marcelo Pedreira	Editora Nova Fronteira	Letícia	2006
<i>A Boneca Platinada</i>	Álvaro Cardoso Gomes	A Girafa	Não identificada	2007
<i>A louca</i>	Del Candeias	Dix Editorial	Paula	2007
<i>Desacelerada Mecânica Cotidiana</i>	Arlindo Gonçalves	Editora Horizonte	Vladimir	2008
<i>Pornopopeia</i>	Reinaldo Moraes	Objetiva	LollaBertoludzy	2008
<i>Concerto Amazônico</i>	Álvaro Cardoso Gomes	Ateliê Editorial	Não identificada	2008

<i>Aos meus amigos</i>	Maria Adelaide Amaral	Editora Globo	Cíntia	2008
<i>Do fundo do poço que se vê a lua</i>	JocaTerronReiners	Companhia das Letras	Wilson	2010
<i>Elvis e Madona: Uma novela lilás</i>	Luiz Biajoni	Língua Geral	Madona	2010
<i>Cortina de Sangue</i>	Braz Chediak	Mirabolante	Não identificada	2010
<i>Odara</i>	Márcio Paschoal	Record	Odara	2011
<i>Crimes Bárbaros</i>	Christian Petrizi	Editora Baraúna	Barbara Taylor	2011
<i>Um brinde em copos de plástico</i>	Ricardo Carlaccio	Editora do Autor	TinkyWinky	2011
<i>Se Freud Explicar...</i>	Shirley Queiroz	Clube de Autores	Andréia de Maio	2011
<i>O senhor das sombras</i>	Rosalvo Leal	Biblioteca 24 horas	Fulô	2011
<i>A espetacular vida da Morte</i>	MJ Macedo	Gutenberg	Não identificada	2012
<i>Guadalupe</i>	Angélica Freitas/Odyr	Quadrinhos na Cia	Minerva	2012
<i>Scarlett</i>	Reynaldo Araújo	Metanoia	Scarlett	2012
<i>O cafuçu</i>	Marcos Soares	Metanoia	Não identificada	2012
<i>Luís Antônio Gabriela</i>	Nelson Baskerville	Nversos	Gabriela	2012
<i>Nossos Ossos</i>	Marcelino Freire	Record	Estrela	2013
<i>A mais amada</i>	R.W Gomes	Clube de Autores	Elma	2013
<i>Machu Picchu</i>	Tony Bellotto	Companhia das Letras	“O sogro travesti”	2013
<i>As fantasias eletivas</i>	Carlos Henrique Schroeder	Record	Copi	2014
<i>Sim, eu sou mulher</i>	Mônica Candiani	Metanoia	Isabel	2014
<i>O diário de Marjorie</i>	Marcos Soares	Metanoia	Marjorie	2014
<i>Na esquina de batom</i>	Evandro Fernandes da Silva	Editora In House	Lady Lucy	2015

<i>Me deixe morrer em Seattle</i>	Karen Schumacher	Biblioteca 24 horas	Felicity	2015
<i>É assim que me lembro</i>	R.R Silva	Clube de Autores	Não identificada	2015
<i>A vida não tem cura</i>	Marcelo Mirisola	Editora 34	Baronesa	2016
<i>Crianças perdidas</i>	Mateus Gonçalves	Biblioteca 24 horas	Mirian Machado	2016
<i>Ultraje!</i>	Marcelo Bossler	Clube de Autores	Não identificada	2016

É importante ressaltar, antes da interpretação dos dados, que essa pesquisa não almejou investigar, criticar ou “policar” o trabalho dos escritores. Por outro lado, em meio ao mapa de ausências de personagens travestis na literatura brasileira, é necessário evidenciar essas obras e analisá-las sob o viés da resignificação, questionar o está representado e propor novos sentidos e imagens, que não sejam conservadores e que provoquem ainda mais a invisibilidade desses sujeitos na sociedade. As perguntas que nortearam nossas reflexões foram: que histórias são contadas sobre as travestis? Como elas são representadas nas narrativas? O olhar dessas personagens é levado em consideração? Que tipo de espaço é reservado para elas?

Destarte, discutir literatura também seria discutir sobre jogos simbólicos de poder, jogos que acabam por demonstrar que o discurso literário não está isento de neutralidade. Desse modo, indagar sobre a representação de personagens travestis na literatura brasileira é pensar sobre a sociedade contemporânea, os discursos que rondam os corpos e seus espaços sociais de (não) ocupação.

No processo de mapeamento e análise dos dados coletados, foram encontradas 39 obras, publicadas entre 2002 e 2016. Pode ser possível constatar a presença majoritária de autores homens, que, conforme aponta Dalcastagnè (2012, p.148), também monopolizam os lugares de fala no interior das narrativas. O fato é que o cânone literário brasileiro tende a refletir um caráter excludente no que se refere aos quesitos de classe, raça e gênero. Então, muitas obras que propuseram torcer o olhar sobre os esquemas de dominação e exclusão presentes na sociedade, foram banidas e omitidas das historiografias literárias “tornando-se pouco lidas, estudadas e criticadas, e permanecendo, inclusive pela temática, à margem do cânone oficial”, como aponta Fernandes (2016, p. 53).

Designado como um “conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição” (PERRONE-MOISÉS, 2003 p.61), o cânone literário significa a exatidão de textos autorizados e modelares, que agem como lei e regra no mundo. Na visão de Reis (1992, p.72), o cânone literário se edificou a partir de

saberes ocidentais, engendrado por questões de “valor” e “qualidade” indisputáveis, que, ligadas ao conservadorismo, promovem exclusões e rechaços. Nesse sentido, a literatura vem se apresentando como uma instituição social, reforçando fronteiras culturais e barreiras e construindo espaços de privilégios no interior das sociedades.

Essas exclusões são evidentes quando observamos o número de personagens travestis presentes nos romances mapeados: foi possível encontrar aproximadamente 50 personagens, dentre protagonistas e personagens secundárias. As protagonistas somam 18 personagens, e as restantes são representadas como “não identificadas”, seres sem nomeação e atuação no interior das narrativas. É também pequena a presença de personagens travestis narradoras. Há registro de apenas 4 personagens protagonistas que são, ao mesmo tempo, narradoras. Em obras como *O diário de Marjorie* (2014), de Marcos Soares, *Luís Antônio-Gabriela* (2012), de Nelson Baskerville, *Deixei ele lá e vim* (2006), de Elvira Vigna, e *Odara* (2011), de Márcio Paschoal, trazem construções narrativas com teor memorialístico, que dão certa veracidade às palavras das personagens. Para Dalcastagnè (2010),

O fundamental é perceber que não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão, incorporado no ordenamento legal de todos os países ocidentais –, mas da possibilidade de “falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido (DALCASTAGNÈ, 2010, p.43)

É possível observar, contudo, que a possibilidade de “falar com autoridade” é rechaçada a partir da ocupação de lugares desprestigiados. Nesse sentido, a maioria das personagens travestis representadas na narrativa contemporânea brasileira ocupa o espaço prostituição, da rua, da exclusão social, da prisão e do entre-lugar. Embora os discursos conservadores definam o espaço da prostituição de modo pejorativo e marginalizado, esse território pode ser entendido como elemento de construção da pessoa travesti (PELÚCIO, 2005, p.221-222). É na convivência e (sobre)vivência nesse espaço que abre-se a possibilidade das travestis incorporarem valores e noções de feminino. O que deve ser evidenciado não é o julgamento dos espaços de representação. O que se coloca em cheque, nesse artigo, é a capacidade da literatura em mistificar e criar fronteiras entre esses espaços, construídas a partir de estereótipos e equívocos, para o bem de narrativas com espaços “higienizados” e “comportados”.

Nas palavras de Maria Clara Araújo (2016), a vida de uma travesti brasileira é construída a partir de ausências. Ausências que são múltiplas, mas que sobressai a ausência do direito de viver:

(...) ouvi de uma travesti que o brasileiro parece acreditar que travestis não sangram. Ao dizer isso, ela sintetizou, para mim, o que venho construindo por todo esse tempo que tenho não só vivido enquanto uma travesti, como também estudado o que é ser travesti no Brasil: somos vistas como sub-humanas aos olhos dos brasileiros. Nossas lágrimas

enquanto levamos facadas, nossos apelos enquanto somos carbonizadas, nossos gritos enquanto estamos sendo espancadas nada disso os faz serem empáticos. Uma vez que nossa vida, na visão de quem nos genocida, não importa. Ela não merece sua empatia. (ARAÚJO, 2016)

Segundo pesquisa divulgada pela *TransgenderEurope* (TGEU), rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas mais de 604 mortes no país. Convém lembrar também que, no Brasil, a expectativa de vida de travestis e transexuais é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos. Só em 2016 foram registrados 127 casos de assassinatos, um a cada 3 dias. Um dos últimos casos, fortemente divulgado pela mídia, é a história da travesti Dandara dos Santos, que foi espancada e assassinada por um grupo de jovens em um bairro da periferia de Fortaleza, no Ceará, no dia 15 de fevereiro, em plena luz do dia. Logo depois, os vídeos das agressões sofridas por Dandara circularam e eram compartilhados livremente pelas redes sociais.

Utilizo aqui, para explicitar a vulgarização da violência e a estruturação da barbárie, um verso do poema “Eu existo”, escrito por Luan Bressanini e publicado na *Antologia Trans*, obra que reúne textos de travestis, transexuais e pessoas não-binárias: “Um passo no olho do furacão/em que a esperança é um índice de 35 anos”. Os dados apresentados, de certa forma, refletem sobre a realidade que as travestis brasileiras enfrentam historicamente⁷.

O que mais preocupa, de acordo com os dados levantados, é que a literatura brasileira parece incorporar ou representar todo esse transfeminicídio. Embora a tragicidade e o estranhamento sejam características comuns na literatura contemporânea, como aponta Resende (2008), eles parecem ganhar destaque principal quando analisamos os romances nos quais há personagens travestis. É possível observar nas pesquisas que, em 12 romances, as personagens travestis têm final trágico. Em alguns textos, a configuração das travestis parece representar um tipo de arquétipo não questionável. Aproximadamente 80% das narrativas mapeadas apresentam algum tipo de violência contra essas personagens, seja violência física ou simbólica. No romance *Desacelerada mecânica cotidiana* (2008), de Arlindo Gonçalves, por exemplo, a travesti Vladimir é espancada ao desembarcar de uma estação de metrô com destino à zona leste de São Paulo:

Roberto coloca a cabeça de Vladimir no colo. Entrelaça os dedos no cabelo, sentindo os calos.

– Travesti filho da puta!

A voz amiga de antes transforma-se num urro grosseiro. O rapaz amável de há pouco

⁷ No documentário *Temporada de caça* (1988), a cineasta Rita Moreira revela a presença do ódio e da violência às minorias na sociedade e no imaginário brasileiro, frente a onda de crimes que ocorriam contra LGBTTs no final da década de 80.

cede lugar a um bárbaro de golpes violentos. Vladimir cai na entrada do metrô. Seu corpo se contorce. Recebe uma monte de chutes.

– Isso, seu filho da puta! Toma e aprende a ser homem!

A peruca é arrancada. As roupas rasgadas. Ao alerta sonoro do metrô, alguns seguranças correm até a pista de entrada da estação. (GONÇALVES, 2008, p.154)

O trecho acima evidencia como a dor e rejeição são palavras-chave na construção dessas personagens. Os espaços reservados para as personagens travestis parecem ser sempre os mesmos. Elas são representadas nas ruas, no universo da prostituição, no submundo do crime e do consumo de drogas, no entre-lugar do ser ou não ser, indignas de qualquer bem que as humanize.

Pode-se observar, contudo, a partir das obras mapeadas, que as travestis podem apresentar 4 representações problemáticas na literatura: a travesti pode aparecer nas narrativas como um corpo morto, como assassinas perigosas, como seres angustiados que encontram na morte seu único destino, ou como personagens não identificadas, que exercem o papel de figurantes na narrativa. Na tabela abaixo, podem ser destacadas as 4 representações possíveis de personagens travestis nos romances mapeados:

Representações de personagens travestis	
Representadas como um corpo morto nas narrativas	É encontrada comumente no início das narrativas policiais, a personagem travesti configura-se como mais um número na estatística, sua voz não é ouvida;
Representadas como personagens assassinas e perigosas, usuárias de drogas.	É encontrada comumente em romances policiais. A personagem é indiciada por assassinatos, roubo e são tidas como personagens traiçoeiras e vingativas;
Representadas como personagens que encontram a morte ao final das narrativas	A personagem encontra a morte ao final da narrativa, geralmente pelo suicídio. A morte é representada como um destino traçado ou redenção possível. A morte das personagens também está ligada à AIDS e à repressão policial.
Personagens não-identificadas	A personagem não tem voz, não tem representação e nem nome. É um corpo que transita anonimamente pelo mundo, parte figurante da história, não possui fala e nem narrativas próprias.

A primeira representação diz respeito à personagem travesti como um corpo morto, um cadáver sem nenhuma importância. É encontrada no início de narrativas policiais, como por exemplo, nos romances *Berenice Procura* (2005), de Luiz Alfredo Garcia Roza, *A boneca platinada* (2007), de Álvaro Cardoso Gomes e *Os demônios morrem duas vezes* (2005), de Fernando Pessoa Ferreira, para citar alguns. Em *Os demônios morrem duas vezes*, o leitor se depara com uma narrativa

policial clássica: um investigador Omar Fonseca tenta solucionar assassinatos em série na Vila Madalena. Tudo começa quando encontram o corpo de uma travesti, no alto da Rua Girassol. O corpo teria sido jogado de um barranco e estava com o rosto todo desfigurado:

No momento em que chegaram ao distrito, o delegado correu ao banheiro para se aliviar, e foi Gilberto quem satisfaz a curiosidade do investigador-chefe:

– Vocês conseguiram identificar a mulher? – perguntou Omar.

– Mulher? Que mulher? Era um traveco. Foi torturado e espancado até a morte. O rosto está desfigurado.

– Como sabe que ele foi torturado?

– Há marcas de queimadura. Queimaram o coitado com brasa de cigarro. O assassino deve ser um fumante.

– Brilhante dedução – ironizou Omar. – quanto a identificação...

– Achamos a bolsa dele, ou dela, perto do corpo. Estava aberta e vazia. Ou quase vazia. Num bolsinho interno, bem apertado, achamos uma conta da Telesp Celular, que ainda não foi paga. O vencimento é amanhã, quinta-feira. Está no nome de José Roberto Cibellini. O endereço é rua Aurora, no centro da cidade.

– Na Boca do Lixo.

– Isso aí. Na Zona. Acho que o pessoal da Homicídios não vai ter muito trabalho para resolver o caso. (FERREIRA, 2005, p.23-24)

Outra travesti também é encontrada morta na narrativa. Rose, como era chamada, estava caída de bruços, nua e com a cara na água poluída do Córrego das Corujas, um riozinho que delimitava os bairros da Vila Beatriz e a Vila Madalena. O que se percebe, de acordo com o trecho apresentado, que a questão do estranhamento com o corpo travesti realoca essas personagens ao patamar de seres estranhos, propiciando um entendimento de que suas vidas valem pouco ou nada, e por isso merecem morrer, e por isso estão morrendo. De certa forma, a representação da morte dessas personagens está ligada ao rompimento que elas fazem para com as normas de gênero, o incômodo, não com o espaço da prostituição propriamente dito.

A segunda representação que se pode ter da travesti nesses romances, é a sua personalidade assassina e perigosa, muitas vezes indiciada pelo assassinato de alguém, como no romance *Crimes bárbaros*(2011), de Christian Petrizi, no qual a travesti Barbara Taylor é indiciada pelo suposto assassinato do médico pediatra, Ricardo Lobato. Nesse ponto de representação, pode ser constatada a presença de narrativas que apresentem personagens travestis sendo perseguidas e mortas pela força policial, em meio ao espaço, por vezes perigoso da prostituição, como no romance *Me deixe morrer em Seattle* (2015), de Karem Schumacher.

Outra representação mapeada durante a pesquisa foi a da personagem travesti que encontra a morte ao final da narrativa. Tal como um destino traçado

ou redenção possível, podemos citar os romances *As fantasias eletivas* (2014), de Carlos Henrique Schroeder, *A inevitável história de Letícia Diniz* (2006), de Marcelo Pedreira, e *Luís Antônio Gabriela* (2012), de Nelson Baskerville.

Narrado em terceira pessoa, o romance *As fantasias eletivas* (2014) conta a história de Renê, um frustrado e solitário recepcionista de hotel da cidade de Balneário Camboriú, e também conta a história da travesti Copi, que, sem família e sem destino, vai sobrevivendo da prostituição e escrevendo pequenos textos tendo como referência ou “inspiração” fotos que realiza com uma câmera *Polaroid*. Copi apresenta seu *book* à Renê e briga com ele pra que indique seu trabalho no hotel. Renê nunca a chama para trabalho algum, já que ela não era uma “mulher”. Antes do final trágico de Copi, que cometeu suicídio cortando os pulsos em seu quarto de hotel, o leitor tem acesso aos textos e fotografias tiradas pela personagem.

Renê segurou a foto da menina no trilho e não conteve as lágrimas: lembrou daquela tarde, havia duas semanas, em que estava sentado na cozinha de Copi, tomando um Malbec que ela trouxera de Mendoza, e como ela parecia eufórica, feliz e radiante naquela tarde. Era injusto que estivesse morta agora, mas o que é a justiça? É coisa de homens, não de deuses, nem de travestis. (SCHROEDER, 2014, p.53)

Em *A inevitável história de Letícia Diniz* (2006), a personagem Letícia, que também comete suicídio ao final da narrativa, jogando-se nua do oitavo andar de um prédio, ouve atenta aos conselhos do Tio Cristina sobre a vida de uma travesti:

Eu sempre te disse: travesti tem que ser dez vezes mais corajoso, dez vezes mais forte e dez vezes mais persistente para vencer na vida. Fraqueza não é luxo permitido pra gente do nosso tipo, tá me ouvindo? Não foi essa a tua escolha? Agora vai... Vai... Vai e não olha mais pra trás. (PEDREIRA, 2006, p.16)

O romance de Pedreira narra a história de Letícia Diniz, uma travesti do norte do Brasil que decide abandonar a vida em Porto Velho e tentar a sorte no Rio de Janeiro, trabalhando na prostituição. Desde o início da narrativa, o leitor tem acesso aos diários e escritos da personagem, contados por um narrador misterioso. A vida da travesti Letícia é atravessada por inúmeras violências e exclusões: as discriminações sofridas na escola o estupro cometido pelo próprio pai, o sonho impossível de ser rica e famosa. Em uma passagem do romance, ao atender o seu primeiro cliente – um “homenzinho sem graça” – Letícia é confrontada com a realidade do abandono e o “cano” que levava de seu “príncipe encantando”: ainda com “o esperma do estranho a escorrer pela sua virilha”,

Mas o salão de seu baile, compreendera enfim, seria sempre, madrugada após madrugada, um quarto barato como aquele, onde uma barata gigante subia pela cortina rasgada provocando arrepios. “Então é isso... Os tubos de PVC da sociedade onde os calígulas se aliviam... É pra isso que a gente serve... Pras famílias deles poderem viver na luz, longe de toda essa podridão”, registrou ali mesmo em seu diário, melancolicamente, evocando as palavras de Tatiana. (PEDREIRA, 2006, p.81 grifos nossos)

A última configuração que pode ser observada na pesquisa é a representação da personagem travesti como seres não identificáveis⁸. Isso é o que caracteriza a maior parte das obras mapeadas. Nelas, as personagens são nomeadas como “criaturas”, seres anormais que transitam pelas ruas, de perfil “exótico” e indecifrável. Como exemplo, podemos citar as obras *Homens há muitos* (2003), de Fernando Salgueiro, *Concerto Amazônico* (2008), de Álvaro Cardoso Gomes, e *Morte nos búzios* (2006), de Reginaldo Prandi.

Pode-se observar que, segundo Kulick (2008, p.27), as travestis têm esse poder de despertar a repulsa e o medo, ao mesmo tempo em que são seres que transmitem uma atração eletrizante. Então, a identidade aqui estudada refere-se a sujeitos caracterizados ao nascer, tradicionalmente, como sendo do sexo masculino, mas que acabam por assumir “condensações de determinadas ideias gerais, representações e práticas do masculino e feminino” (KULICK, 2008, p.26), ou seja, as travestis não estão em lugar propriamente subversivo, pois elaboram “determinadas configurações de sexo, gênero e sexualidade que sustentam e (re) significam as concepções de ‘homem’ e ‘mulher’ no Brasil”. São corpos abjetos no sentido da ausência de subjetividade, na colocação desses seres como objetos de inúmeras violências – física e simbólica –, são corpos indizíveis, (in) visíveis e ambíguos, consideradas sujeitos menos humanos. Nas palavras de Márcia Tiburi (2016):

A cultura, em todas as suas formas de discurso, do jurídico ao científico, e dos meios de comunicação, ajuda na produção do “abjeto”, como um tipo de diferenciação na qual se confina o excluído. O excluído é produzido no discurso: seu lugar é o silêncio que, em termos sociais muito concretos, realiza-se na injustiça de não poder existir. (TIBURI, 2016, p.11)

Para Butler (2003 p.162), os corpos abjetos quase sempre estão destinados a ocupar o entre - lugar, o lugar fronteiro e inabitável do (não) dizer-se, do não expressar-se como parte de um corpo social. Os sujeitos que possuem “imagens corporais” que não se encaixam em nenhum desses gêneros (masculino e feminino) ficam fora do humano, “constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”, logo, são corpos “dignos” de violência, à medida são vidas indignas de importância.

⁸ No artigo intitulado *Imagens da mulher na narrativa brasileira*, Regina Dalcastagnè (2007), ao realizar um mapeamento das representações de personagens femininas na narrativa contemporânea brasileira e encontrar uma parcela considerável de personagens sem indícios e/ou não identificáveis, pontua que a personagem do romance contemporâneo é objeto bastante escorregadio. Citando a romancista francesa Nathalie Sarraute, ela afirma que a personagem vem se tornando, desde o início do século XX, mais complexa e mais descarnada. A professora acredita ainda, que o encontro de personagens não identificáveis é de extrema relevância, pois colocam em discussão as razões para tantas ausências e temáticas, bem como determinadas descrições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, a partir das análises realizadas, que, embora a literatura contemporânea brasileira esteja inteiramente ligada à multiplicidade de vozes, aos problemas sociais de nosso tempo, encontrando suporte de produção artística nos diversos meios de comunicação, a personagem travesti ainda é representada como o “outro” nos discursos sociais. O corpo travesti, ambíguo e denunciador da cristalização das normas de gênero, é criado a partir da (re)montagem de imagens e discursos hegemônicos, quase sempre negativos e estruturados sob a ótica da violência e da exclusão.

O que deve ser evidenciado são as perigosas naturalizações que o discurso literário pode ter. Assim, segundo Dalcastagnè (2012, p.12), “não é simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas, sim, que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais”. Em outras palavras, há uma preocupação em observar a forma como se materializam essas representações, se há um reforço nos estereótipos ou propõem-se debates acerca da construção de identidades e da problematização de discursos dominantes.

É preciso observar que a (re)afirmação de alguns estereótipos, – tal como a travesti prostituta, doente e perigosa – está ligada às configurações criadas e (re)afirmadas constantemente (e historicamente) por diversas mídias e meios de comunicação, como novelas, notícias de jornal, filmes e documentários, músicas e programas de TV. Embora não haja a real intenção de representar personagens travestis de forma negativa, as configurações estereotipadas acabam por se naturalizar e negar a subjetividade e vivências dessas pessoas. O problema, além de situar-se na configuração negativa dessas personagens no romance contemporâneo, também encontra indagações sobre o tratamento naturalizado que essas configurações recebem, promovendo algo como a morte epistemológica de territórios e vivências banidas da História. Assim, por se tratar de um instrumento de construção identitária, a literatura pode ser problematizada e questionada sobre as cristalizações que cria e afirma. A problemática que é evocada nesse artigo é justamente a questão da não-representação dessas personagens nos espaços tidos como “higienizados”, a razão de não conseguirem enxergar as personagens travestis de outra maneira mais subjetiva e particular.

Outrossim, as travestis ocupam um lugar na literatura brasileira. Embora representada em uma parcela ínfima nas produções literárias e fílmicas, não apenas as que se inserem na contemporaneidade, mas em um processo histórico de repulsa, de exílio e do não-lugar, o papel das travestis na literatura brasileira é (de) marcado pela subversão pela negação, pelo desconhecimento e pelo nojo.

Apesar de tudo, vale destacar que as travestis e transexuais vêm conquistando importantes espaços na sociedade. Não apenas como personagens

de livros, filmes, ou novelas, mas como agentes culturais e sociais de resistência às discriminações e violências: seja na música, com Linn da Quebrada, As Bahias e a Cozinha Mineira, seja na internet, com Rosa Luz, seja na academia e nas ciências, com Maria Clara Araújo e Viviane Vergueiro, seja na literatura, com Amara Moira ou no teatro, na TV e no cinema, com Silvero Pereira, por exemplo.

Portanto, o que fica evidente é a capacidade de luta política do corpo. Longe de esgotar as discussões sobre representações de grupos marginalizados na literatura brasileira, esse artigo encontra-se aberto às discussões sobre gênero e produção literária. Enfim, além de propor novas formas de se ler e interpretar as obras literárias, atento às ações e atuações da linguagem, é necessário desmistificar os espaços e as narrativas com espaços higienizados, subverter os cânones da própria linguagem e estabelecer possibilidades de construção de novas histórias, novas imagens e representações. Conforme ressalta Butler (1998, p. 34), “desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão”. É no questionamento sobre essas formas de representações literárias que se poderá ressignificar personagens travestis, a fim de trazer novos sentidos para as suas vivências. Sendo assim, não se trabalha apenas na inclusão social – física e simbólica –, ou o acesso aos bens culturais; trabalha-se na construção sociológica das travestis, na admissão de suas identidades e vozes, e na destruição de discursos que forcem a exclusão e a discriminação.

REFERÊNCIAS

ANTOLOGIA Trans. 30 poetas trans, travestis e não-binários. 1 ed. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017. 112 p.

ARAÚJO, M. C. *Brasileiros possuem uma dívida histórica com as travestis*. 2016. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2016/12/08/brasileiros-possuem-uma-divida-historica-com-as-travestis/>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

AYER, F; BOTTREL, F. *Brasil é país que mais mata travestis e transexuais*. 2017. Estado de Minas. Disponível em: <<http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/dandara/2017/03/09/noticia-especial-dandara,852965/brasil-e-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais.shtml>>. Acesso em: 09 de maio de 2017.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARTHES, R. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Aula*. Editora Cultrix, 2004.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 153-172.

_____. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós- modernismo”. *Cadernos Pagu*, n. 11, pp. 11-42, 1998.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012. 208 p

_____. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O Eixo e A Roda: Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, p.127-135, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267>. Acesso em: 04 maio 2017.

_____. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virginia Maria Vasconcelos (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010. p. 40-64.

_____. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 26, 2005.

FERNANDES, C. E. A. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas do século XX: 1960-1980*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura Brasileira - Crítica e Interpretação, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2016. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2016/05/TESE-CARLOS-EDUARDO-ALBUQUERQUE-FERNANDES.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

_____.; SCHNEIDER, L. Personagens travestis, exílio e subalternidade na literatura brasileira. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 10, p.156-171, 2016. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/dossie.htm> Acesso em: 05 mar. 2017.

FERREIRA, F. P. *Os demônios morrem duas vezes*. São Paulo: Códex, 2005. 254 p. GONÇALVES, A. *Desacelerada mecânica cotidiana*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008. 208 p.

HALL, S. *A identidade cultural na pós – modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro -11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. 280p.

LINN da Quebrada - blasFêmea | Mulher. Direção de Linn da Quebrada. Roteiro: Linn da Quebrada. Música: *Mulher*. 2017. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

MIRANDA, A. C. de. Sob camadas de preconceitos: a personagem travesti na literatura brasileira contemporânea. In.: Anais do Seminário Fazendo Gênero 8. Santa Catarina, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST61/Adelaide_Callhman_de_Miranda_61.pdf. Acesso em 6 de junho de 2016.

PEDREIRA, M. *A inevitável história de Letícia Diniz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 256 p.

PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cad. Pagu [online]*. 2005, n.25, pp.217-248.

PERRONE-MOISÉS, L. “O cânone dos escritores críticos”. In: _____. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.61-73.

REIS, R. “Cânon”. In: JOBIM, J. L. (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

RESENDE, B. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: _____. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional. 2008. p. 15-40.

ROZA, L. A. G. *Berenice Procura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 142 p.

SCHØLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 175 p.

SCHROEDER, C. H. *As fantasias eletivas*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SERAFIM, I. '*Precisamos levar a discussão de gênero para a rua*', diz Linn da Quebrada. 2017.

Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza/precisamos-levar-a-discussao-de-genero-para-a-rua-diz-linn-da-quebrada,70001729044>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

TIBURI, M. Judith Butler: Feminismo como provocação. *Revista Cult*, São Paulo, v. 19, n. 6, p.8-11, jan. 2016. Mensal. Edição Especial.

Submetido em: 26/05/2017

Aprovado em: 30/08/2017